

REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração - Calçada do Cobre, 38-A. 2.^o

Lisbon - PORTUGAL

Inc. telegr. Tacheta - Lisboa • Telephone?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

JÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SARAGOÇA

Num quartel de Saragoça deu-se uma sublevação de soldados; os revoltosos foram esmagados e o malogro do seu intento resultou a morte, em combate, do militante sindicalista Angel Chueca e o fusilamento de alguns dos sediciosos.

O facto, em si, não reveste grande importância; parece mesmo que não se trata de um plano revolucionário com largas ramificações, mas sim dum caso isolado. No entanto, se estabelecermos uma certa correlação entre a tragédia ocorrida na histórica cidade de Saragoça e a profunda convulsão social que está agitando a Espanha, fácil é chegar à conclusão de que os referidos sucessos são o primeiro sinal da tempestade que se aproxima e que, ao seu simples anúncio, faz tremer um trono e instituições políticas e económicas condonadas irremissivelmente à reedição. A Espanha está agitada, como está agitado Portugal, como está agitado todo o mundo. Uma revolta de soldados num país em que a disciplina militar é rígida, em que a reacção é uma potência de primeira grandeza, constitui um aviso solene de que passaram os tempos velhos do que a rebelião, consequência do robustecimento das consciências, começo minando os alferes dum organismo muitas vezes secular.

O que ocasiona os acontecimentos? Que factores contribuiram para que no horizonte político e económico da velha Humanidade, um aglomerado negras nuvens, condensou no seio o raio aludor? A rebelião que de todos os corações apoderou, a insurreição que encetou de todos os lados após a sacra, como uma consequência dos seus horrores e depredações, de facto, esse fluido revolucionário a que Lloyd George se achou num dos seus discursos. E a revolta cresce, de momento a momento, entre as multidões, gerada por pequeninos nadar que muitos passam despercebidos.

Não generalizemos, porém, essas apreciações. Observemos, em especial, o caso da Espanha, o qual mais nos deve interessar, porque se passa a uma distância relativamente curta, a algumaszenas de léguas. O foco revolucionário reside em Barcelona; é ali que assistem os militantes de mais arrigada e onde os sindicatos estão mais impregnados do espírito revolucionário. As massas operárias tem sabido corresponder à intensa propaganda fumada dos seus organismos de resistência; cada movimento de massa representa um triunfo. E esses movimentos sucedem-se vertiginosamente, os sindicatos robustecem-se, os trabalhadores identificam-se com eles, do que resulta ser a organização operária catalã uma das mais robustas. Porém, se grande é a combatividade do operariado da Catalunha, devemos confessar que a resistência do patronato, devidamente organizado, tem sido enérgica. Por várias vezes, à greve geral responderam os exploradores com o lock-out. O mais importante é o que há mais dum mês mobilizou as fábricas e as oficinas, arremessando centenas de milhares de operários para uma inatividade forçada. Essa intransigência da burguesia em satisfazer as mínimas reivindicações, deu origem a um crescer de revolta e por mais duma vez na noite barcelonesa soaram tiros dirigidos contra o peito daquelas criaturas, arredando de si qualquer sentimento humano, recusavam os homens que tinham deixaõ o seu domínio o direito à vida em miséria e sem privações. Esse violento entrechocar das lassas surgiu a agitação que emolga a Espanha; o operariado das Astúrias, de Castela, de Valência e do Bilbao, da Galiza, enfim, dos mais importantes centros operários e rurais do país vizinho, que há muitos anos era orientado pelo espírito social-democrata que dominava nos seus organismos, ao exemplo de energia e tenacidade que lhe dava os seus carabinas catalães, lançou-se resolutamente no sindicalismo revolu-

NÃO APOIADO! A COEDUCAÇÃO DOS SEXOS

LOCUTORIO DUM INSURRECTO

Da dolorosa maneira por que me foi ontém fornecido assunto para esta secção quero eu falar-lhes. Preparem-se voces para um relato dramático como mais não pode haver. Passou-se a causa no Chiado, à boquinha da noite, no preciso momento em que as costureiras saem dos ateliers, e os negociantes chicos interpretam as gatunices últimas antes do fechar da loja. O movimento de transeuntes recrudece nessa hora, e mal chega o passo para conter tantos andantes, subindo uns, descendo outros, vagarosos estes, em acelerado aqueles. De modo que corria branda a noite e, dada a quietude do Bóreas, estaria o Tejo sereno, segundo todas as probabilidades. Eu descia o Chiado, a passo regular. Na minha frente um elegante cavaleiro marchava um quâzí nada mais pausadamente. A sinistra metida no bolso do sobretudo, a dextra, enluvada, empunhando uma bengala. Esta bengala foi a minha desgraça. Tive tempo de observar que o elegante cavaleiro a fazia girar entre os dedos com admirável dextreza. A ponteira descreveu no espaço uma espiral policêntrica, sem consequências de maior. Depois entregou-se a progressivos movimentos oscilantes pouco isócronos e nada tranquilizadores. Depois, entrou numa rotação acelerada que o cavalheiro elegante fomentava com breves movimentos de pulso. Depois... depois só sei que súbitamente me vi avariado por inúmeras contusões, super e extra-corpóreas, a saber:

1.º-Arrastamento dum chapéu de feltro (imitação), no valor de cinco escudos, por virtude de haver-se divorciado a aba da copa, no sítio preciso onde a bengala volante a atingiu.

2.º-Estilhaçamento, com tilintante fracasso, dum vidro de óculos para miopia, n.º 9, de dispêndios substancial.

3.º-Destruição dos tecidos dérmicos da face esquerda, com visível aparição de sangue na parte atingida.

4.º-Pontoadas no peito, com intuições perfurantes, na região superclavicular, felizmente sem outra consequência além dum grito afixivo soltado pela vítima que é este inditoso criado de vossenças.

Etc., etc.

Tais foram as consequências dos movimentos evolutivos descritos pela bengala do cavalheiro elegante que me precedia na desida do Chiado. Lamento não ter em mim a suficiente dose de resignação evangélica que me permitisse suportar de bom grado tam intempestivo inicio de relações: pois o certo é que exponencialmente remeti ás partes carnudas do cavalheiro a bota direita, abundantemente provida do seu conteúdo natural, sem cuidar do "Am! desculpe..." que ele começava a balbuciar. Com isto se julgou o elegante cavalheiro quite comigo, e sem esperar confirmante parecer da minha parte marchou-se celer, e mais a bengala agressiva, a espaejar elegâncias noutros sítios. A mim é que me desponhou no espírito um tal asco a bengalas, badines, bengalões e sticks, que, cem anos eu viva, não haverá maneira de gramá-las. Compreendo a bengala justiciera que a gente empunha quando haja de falar a um patrício sumfico e sanguesuga; comprehendo ainda a bengala a que um homem se ampare quando as pernas lhe fraquejam ou quando os calos barométricos entrem, no tempo escuro, a tolar-lhe o andar. Mas as outras, meu Deus, que serventia terão? E há-de tanta espécie, de cerejeira, de marmeleiro, de malaca, de cavalo marinho, até de papel e ago, de madeiras preciosas e de cana da Índia, encastoadas em chumbo e encastoadas em ouro, terminando em bola de bilhar, terminando em dorso de serpente, direitas umas, de volta outras, ou enfeiteando-se com um corpo de naiade, ou com uma guela de dragão de olhos em vidro vermelho. Há-as ainda que apresentam um corno de veado, ameaçador, ponteagudo, terrorífico. Há-as de correr para prender ao pulso. Há-as próprias para polícia secreta, para estúrdios provocadores, para militantes sindicais, para enamorados de pouco uso, para provincianos a domingo, para maridos vigilantes. Há-as adequadas ao uso com chapéu de coco, com colarinho de goma, com boas amarelas, com paletot cintado. E para quê, no fim de tudo, preguntou eu, tamanha variedade de pausinhos, pauteses e pausões, para quê tanto esforço gasto em fabricá-los, para quê

Ecos do Congresso do Professorado Primário

«Devemos ter a coragem precisa para lutarmos, com alguns sacrifícios embora, pelo triunfo dumha sociedade perfeita»

No artigo que *A Batalha* ontém publicou sobre este tema era nossa intenção apresentar não só a opinião da sr. D. Joana da Consolação Correia e do sr. Canhão Júnior, mas também a do professor sr. Manuel da Silva. Porém, as circunstâncias retardaram da dia para dia o nosso encontro com o último dos referidos professores, motivo por que ontém inserimos apenas as opiniões dos dois primeiros.

Quis o acaso que, ontém mesmo, encontrássemos o sr. Manuel da Silva, e não deixámos escapar a ocasião sem o ouvir. Não perdemos o nosso tempo, visto que o sr. Silva, como era de prever, se expressou sobre o assunto dumha maneira muito original e inteligente.

A coeducação deve abranger o corpo docente das respectivas escolas

Comprei o distinto professor:

«Como a *Batalha* bem sabe, por muito o aprecio, um dos pontos mais interessantemente debatidos no Congresso, por ter sido mais moderna e superiormente encarados, foi o magnifico problema da coeducação dos sexos. Além da brillante e erudita exposição do meu colega sr. Vergílio Santos, que mereceu um aplauso caloroso do Congresso e que evitou que mais exposições se fizessem, porque aquela as englobava todas na inteligência e desassombro do debate científico do problema, também outro colega muito consciente descreveu no espaço uma espiral policêntrica, sem consequências de maior. Depois entregou-se a progressivos movimentos oscilantes pouco isócronos e nada sombrio do debate científico do problema. Depois, entrou numa rotação acelerada que o cavalheiro elegante fomentava com breves movimentos de pulso. Depois... depois só sei que súbitamente me vi avariado por inúmeras contusões, super e extra-corpóreas, a saber:

«Esse meu camarada foi feliz e um pouco original nas suas considerações, que vieram ao encontro dumha fases maio pedagógicas com que se apresenta o assunto: a coeducação abranger o corpo docente de modo que se constitua o casal ou casais ideais de educadores, em sequência lógica com uma justa divisão da tarefa educativa, seja quanto à vocação e esforço, seja quanto à especialização necessária para o desempenho integral de qualquer profissão, que deve sempre ter base no ciclo pedagógico, característico de cada indivíduo. Uma análise, embora rápida, feita à diversidade fisiopsíquica individual, traz-nos imediatamente a noção, hoje já científica, de que há grupos de disciplina que se ajustam mais ao desenvolvimento genérico e específico dum individuo do que doutros. Daqui a necessidade de se dividir o trabalho conforme a possibilidade individual e a exigência colectiva.

«Esse meu camarada foi feliz e um pouco original nas suas considerações, que vieram ao encontro dumha fases maio pedagógicas com que se apresenta o assunto: a coeducação abranger o corpo docente de modo que se constitua o casal ou casais ideais de educadores, em sequência lógica com uma justa divisão da tarefa educativa, seja quanto à vocação e esforço, seja quanto à especialização necessária para o desempenho integral de qualquer profissão, que deve sempre ter base no ciclo pedagógico, característico de cada indivíduo. Uma análise, embora rápida, feita à diversidade fisiopsíquica individual, traz-nos imediatamente a noção, hoje já científica, de que há grupos de disciplina que se ajustam mais ao desenvolvimento genérico e específico dum individuo do que doutros. Daqui a necessidade de se dividir o trabalho conforme a possibilidade individual e a exigência colectiva.

A professora como modelo de mãe-educadora e o professor, pai-educador, seriam o ideal na educação dos povos.

«E quais são as principais vantagens da coeducação do corpo docente? perguntámos, curiosos.

«Está naturalmente indicada a resposta, continuou o sr. Manuel da Silva.

A coeducação racional do corpo docente levará o professor a ser o modelo do pai-educador, na sua acção de homem-mestre, e a professora a ser o modelo da mãe-educadora, no seu papel de mulher-mestre. Com uma moderna e absolutamente necessária distribuição do pessoal docente, o funcionamento da nossa escola popular entrará no seu verdadeiro racionalismo e, consequentemente, a coeducação, como base da verdadeira educação, entrará, e só assim, no seu período de efectividade imediata e tan necessária.

«Estamos certos - prosseguiu o distinto professor - que a grande força operária, na compreensão desta verdade flagrante, auxiliará a escola nesta reivindicação sagrada e verificará depois que entráramos no caminho racional dos educadores: preparação forte das massas para a produção máxima e para a distribuição justa.

«E com efeito - dissemos - por esse motivo que o proletariado deve dar e dará, com certeza, todo o seu apoio moral ao princípio da coeducação.

«Pena - evolveu o sr. Silva - que a

tanta preocupação e cuidado dos possuidores de tais objectos em não se esquecerem deles no barbeiro? Positivamente. Isto de andar um homem de pendurado num cacetete, como que permanentemente a dizer aos circunstantes «Stás a pedir poucas», cheira-me a restos de barbearie, a residuo conservando daques tempos em que nosso avô macaco sacava um grosso galho de pinheiro para sua defesa. Não temesse eu molestar os camaradas e proclamar aqui que as bengalas hodiernas mais não são que o galho de gorila, adegaçoado e polido pela civilização. Adelgado, felizes. Que doutro modo, naquela cena do Chiado, nem sequer ficaria com forças para exarar aqui o meu protesto.

Professor Larvalho

Camaradas intelectuais!

Também convosco contamos para a edificação da nossa Casa do Povo ontem fomos erguer a escola modelo.

H.

UMA RECLAMAÇÃO DE NOVA ESPÉCIE

SALÁRIO VARIÁVEL

consoante as oscilações do custo da vida

Nestas mesmas colunas defendemos

lá dias a implantação daquilo a que chamámos o «salário variável». Os leitores lembrar-se-hão. Entende-se por salário variável a conservação dumha relação constante entre os ganhos percebidos pelos trabalhadores e o custo da vida, de maneira a que as férias subam sempre e na percentagem correspondente à elevação de preço dos artigos necessários. Forçado o patronato a admitir a inovação não mais nos veríamos coagidos a lançar-nos em constantes movimentos grevistas porque o novo sistema de salarial representaria para nós uma efectiva salvaguarda contra a especulação do comércio e contra a incompetência administrativa dos governos, primaciais fatores do encarecimento.

De facto, toda a actividade sindical tem girado, nos últimos tempos, em torno de reclamações por aumento de salários. Uma tal actividade não tem feito, infelizmente, passar do mesmo nível, posto que a regular alcançada hoje amanhã se anula e afunda na transformação das condições de vida. Ora a organização operária necessita de avançar, de consagrarse a outras tarefas de maior efeito proveito. O salário variável livrará-hia da sua grande preocupação actual e po-la em condições de poder entregar-se a novos trabalhos.

Há sempre esse receio quando uma nova moral se desenha - interrompos.

«É justo dizer-se - continuou o sr. Silva - que a coeducação, infantil ou adulta, tem os seus perigos imediatos, como consequência dos perniciosos efeitos da não coeducação ate hoje, e da reacção que lhe fazem algumas famílias, até certo ponto justificável, visto que receiam que as desvirtuações, docentes ou discentes, da prática coeducativa as atinjam a honestidade inconsciente do seu lar.

«Isso não é motivo - opinámos - para que não deseje ardente a coeducação.

«Decerto - concordou o ilustre professor. Aconselhou, nesse caso, a vigília e a pronta resposta, que o futuro dispensará pela natural evolução dum formidável princípio de saneamento e regeneração económico-moral como é a coeducação, não é de forma alguma motivo para que deixemos de ter a coragem precisa para lutarmos, com alguns sacrifícios embora, pelo triunfo dumha sociedade perfeita. De maneira que *A Batalha* vê que tal qual como muitas das suas boas doutrinas económico-políticas sofreram do conservantismo uma reacção nem sempre lial, embora até ao ponto justificável pelo terror que o presente tem de encarar corajosamente o futuro, assim também a coeducação, providencia pedagógica já antiga e extremada nos países cultos, sofre todavia, dumha grande parte da nação, dos seus agentes mesmo, o que é mais lamentável, uma oposição que se não compadece, iríze-se, nem com as necessidades económico-morais da nação, nem com a consciência profissional de cidadãos dumha república.

O ilustre professor; que é um dos mais dedicados componentes do conselho central da União do Professorado Primário, terminou assim as suas interessantes considerações:

«Modestamente embora, eu poderia longe do desenvolvimento dessa ordem de ideas. Mas como publicou no seu número de ontém as judiciosas considerações de V. Santos, uns dos profissionais mais conscientes que eu conheço, easivas-lhe opiniões de mais alguns camaradas que não devo ser mais longo, esperando em que o problema coeducativo, posto ao vivo, neste momento, pela vossa inteligente iniciativa, levarei o proletariado do meu país à necessidade evidente dumha campanha nacional a favor do levantamento do país pela educação, em que a União do Professorado Primário anda activamente empenhada e que a C. G. T. bem como todo a massa de responsabilidade moral e material, devem tenazamente defender e esclarecer.

Tendo roubado um bom bocado de tempo ao professor sr. Manuel da Silva, deixamo-lo na esperança de que nos havemos de encontrar mais vezes a fim de ouvirmos sua autorizada opinião sobre vários assuntos educativos que, para nós, são de capital importância.

P. C. Baçalhau, 1 quilo

Um confronto de preços sobre gêneros de primeira necessidade

Estes mesmos artigos tem actualmente os preços que abaixo se consignam:

TABELA I

Habitação	5\$00
Um fato de qualidade média	14\$00
Um par de botas	3\$50
Um chapéu	1\$40
Pão, 1 quilo	\$08
Batatas, 1 quilo	\$03
Arroz, 1 quilo	\$14
Feijão, 1 litro	\$08
Grão, 1 litro	\$09
Carne de vaca, 1 quilo	\$30
Carne de carneiro,	

A Casa dos Trabalhadores

Mais uma associação vem de manifestar de maneira assaz eloquente o seu desejo de que a *Casa dos Trabalhadores* seja um facto, tendo resolvido contribuir para ela com uma importância relativamente avultada. Referimo-nos à Associação dos Fabricantes de Armas e Ofícios Acessórios, que na sua assembleia geral de ontem votou a quantia de 1.000\$00, independentemente da contribuição com que os seus associados já haviam contribuído e vão continuar a contribuir, a conselho da mesma assembleia.

O facto enche-nos de júbilo não só porque nos revela que os camaradas da Associação dos Fabricantes de Armas continuam sendo os devotados amigos da organização operária, que sempre temos conhecido, mas também porque a sua resolução será certamente um estímulo a outros sindicatos, que ante o exemplo dado primeiro pela Associação dos Operários do Município, depois pela Associação dos Operários do Arsenal de Marinha e Coroados Nacionais e agora pelo sindicato dos Fabricantes de Armas e Ofícios Acessórios, não hesitarão certamente em secundar entusiasmaticamente, por sua vez, na medida dos seus recursos, a obra da comissão pró-*Casa dos Trabalhadores*, que só não será num futuro próximo uma realidade se porventura os organismos operários e a classe trabalhadora em geral não lhe dedicarem o mais vivo interesse.

E também deveras animador o acolhimento que a iniciativa está tendo em várias terras da província, onde se estão promovendo espetáculos e outras manifestações de auxílio material, o que significa que o proletariado da província comprehende a necessidade da realização da *Casa dos Trabalhadores*.

A Associação dos Fabricantes de Armas e Ofícios Acessórios vota 1.000\$00 para a Casa dos Trabalhadores

Com grande concorrência, realizou-se ontem, na Associação de Classe dos Fabricantes de Armas e Ofícios Acessórios, a assembleia geral para se pronunciar sobre a forma de contribuir para a *Casa dos Trabalhadores*.

Depois de prolongada discussão, em que todos os oradores demonstraram a melhor vontade de que a contribuição para tam útil iniciativa fosse uma condena manifestação da solidariedade daquela classe, foi votada, por unanimidade, que dos cofres da associação saísse a importante verba de 1.000\$00.

Mais uma vez esta colectividade provou o grande amor que nutre pela organização operária em geral e pela grandiosa obra a levar à prática que é a *Casa dos Trabalhadores*.

Sobre a contribuição individual, foram presentes duas moções, sendo, depois de muito discutidos, aprovado que cada associado concorresse, semanalmente, com cota não inferior a 20 centavos, aqueles de salários mais diminutos, afirmindo os restantes que concordaram com quantias superiores.

Foram nomeadas comissões para as diferentes oficinas e fábricas, com o fim de fazer a maior propaganda e encorajar-se de cobrança.

Estamos convencidos que esta numerosa classe mais uma vez provará a sua consciência, contribuindo com o seu esforço monetário para tam elevantada quota útil idea.

Sindicato Único da Construção Civil

Era intenção do Sindicato Único de Construção Civil publicar desde já a nota das quantias recebidas.

Atendendo, porém, à resolução tomada pela comissão pró-*Casa dos Trabalhadores* de fazer desde já apelação à publicação das listas com os nomes dos camaradas que contribuem com o seu dia de salário, por este motivo só quando os camaradas concluirmos o pagamento do seu dia de salário serão os seus nomes publicados.

Comissão Pró-Casa dos Trabalhadores

A comissão pró-*Casa dos Trabalhadores*, ontem reunida, intitou-se do resultado da contribuição que alguns dos organismos operários apuraram nos últimos dias. Faltando, porém, conhecer o resultado de outros organismos, aguarda-se a respectiva informação.

A comissão resolveu, porém, come-

NOTAS & COMENTARIOS

Incitamentos A polícia, de quando em vez, vem dizer ao público que nas assembleias operárias se incita, por vezes, a actos de violência e ao crime. Não seremos nós que negaremos a acusação; pois, falando nas assembleias muitos oradores, tanto diversos no grau de educação, e no temperamento, natural é que um ou outro se exceda, e desses excessos não podem ser responsáveis nem o presidente, nem a assembleia, nem a organização, pois só se pode saber o que os oradores dizem depois deles o terem dito. Parece um raciocínio do sr. Sá Cardoso, mas é assim mesmo.

Esses excessos, porém, não são privativos dos oradores operários. Nos centros políticos, os incitamentos ao assassinato dos inimigos são vulgaríssimos. Ainda ontrem os ouvintes. Comemorava o Centro Republicano Radical a revolta de Santa-Réplica e a um orador que chamava, apelítico, com uma coragem que não teria haja coisa de um ano, canhala e malandro a Síndico País, seguiu-se um outro que se referiu ao sr. Bruto Camacho nestes termos: «essa criatura sinistra que já há muito tempo devia estar no Alto de S. João...»

A assembleia aplaudiu com delírio.

A crise Andam os políticos atados palhaços e grandes são as dificuldades para a formação dum novo governo porque, a despeito das grandes responsabilidades que pesam sobre os futuros governantes, devido à situação ruim da pais, todos os grupos e grupinhos de politicamente disputam entre si o ambição poder. As hienas veem que o moribundo ainda tem bons carneiros que os seus dentes aguçados se cevaram com delícia e aumenta a discordia o facto de a pressa não poder encobrir todos os estomagos. A verdade é que não existe crise política. O que existe de há muito é crise de políticos, dessas criaturas que desempenham uma função completamente perniciosa e que o evoluir da humanidade vai arrastando pouco a pouco para a sombra, a despeito do seu desesperadobracejar.

Para fechar De Pochelle: «Trabalhadores! por que trabalhais para os senhores que vos escravizam? Porque tecéis com ciúme e afan os ricos trajes que há de vestir vossos tiranos?

«Porque alimentais, vestis e defendeis, desde o nascimento à morte, esses ingratins zangados que vos inundam de suor, e se pudessem, beberiam o vosso sangue?

«Porque, abelhas da Terra, forjais armas, para que os miseráveis zangados utilizem do fruto do vosso labor?

«Tendes por isso descanço, comodidades, tranquilidade, abrigo, alimento, carinho? Que é, então, o que comprais tanto caro com a vossa dor e o vosso medo?

«Semeai, mas não deixais que os tiranos colham. Enriquecei, mas não os impostores. Teceli vestidos, mas não para o ocioso. Forjai armas, mas para a vossa defesa.

«O grão que semeais outrem o colhe; o ouro que desenterrais outros o entesouram; as telas que tecéis, outros as ostentam; as armas que forjais, outros as brandem.

«Apertais-vos em covis, em antros, em quanto nas espacosas mansões que levantam habitam outros... Porque sacudis tristemente as vossas cadeias? Não vos diz nada o seu aço que vós temperastes?

«Com o arado e o enxadão, com o tear, cavai a sepultura de vossos tiranos e teceli a sua mortalha... Até que a bela Terra seja um imenso sepulcro».

O espectáculo em Setúbal

SETÚBAL, 12.—C. E' de facto no próximo sábado, 17, que se realiza no Teatro Isabel Costa, em Setúbal, uma grande festa operária a favor da *Casa dos Trabalhadores*. Tomam parte no referido espetáculo, por especial deferéncia, as atrizes D. Cacilda Viana e sua mãe D. Antónia Viana. Os poucos bilhetes que restam encontram-se à venda na barbearia Quaresma. A festa está despertando grande entusiasmo no povo trabalhador de Setúbal justo sendo que todos, absolutamente todos, se animam de boa vontade para auxiliarem tam significativa festa, visto o fim a que se destina o seu produto.

Pela procura dos bilhetes deprende-se que terá uma grande encheinte o dia 17.

Quem todos os operários se compreenderem de que não devem faltar àquela festa, cumprindo assim um dos mais sagrados deveres de proletários. Avante, pois, proletariado de Setúbal pelo grande monumento operário que será a *Casa dos Trabalhadores*!

Perseguições governamentais

Comissão pró-presos por questões sociais

Reuniu a comissão, apreciando a situação das camaradas presos.

Veio junto da comissão a companheira do camarada Eugénio Soares, para que o advogado do Conselho Judicatório da situação do mesmo, informando também ir falar hoje com o dr. Sobral de Campos, para lhe fazer algumas declarações sobre o processo.

Foi o delegado de esta comissão, no sábado, à esquadra do Caminho Novo levar auxílio aos camaradas que ali se encontram detidos há bastante tempo, vindos expulsos do Brasil.

A mesma comissão den ao camarada José Rosa da Silva, 3800; António Ramos e outros, \$300.

Recebemos de uma camarada manipuladora de tabaco, \$10, em favor dos presos por questões sociais.

Reuniu hoje a comissão pelas 21 horas.

Academias, Universidades e Escolas

Caixa de Auxílio a Estudantes Pobres Sexo Feminino.—A direcção desta Caixa realizou ontem, pelas 21 horas, uma sessão solene para a distribuição de diplomas e prémios a estudantes que apresentaram melhoria de estudos.

Uma das palavras da sr. D. Ana de Castro Osório e D. Maria O'Neill e os drs. dr. Carneiro de Moura, Costa Ferreira e Barros Castro, levando-se a efetiva, numa festa, uma pequena mas encantadora festa infantil, organizada pelas professoras da escola primária britânica, envolvendo a recensão de miles pobres.

Para se avaliar quanto benefício é a Caixa de Auxílio e quanto ela merece o apoio de todos, basta enumerar a sua ação. 1º Proveger, mediante a mulher, a crianças e adolescentes e materialmente onde lhe permitem os recursos de que dispõe;

2º Fornecer livros por empréstimo e ajudar nas pobres dos Liceus, Escolas Normais, Conservatórios, Escolas Industriais, Co-Operativas e Profissional.

3º Distribuir subsídios mensais de alimento que prova absoluta carença de recursos;

4º Sustentar uma escola nocturna para mulheres, uma escola primária infantil feminina, com a sua cantina, onde se fornecem lanches, as quais precisam;

5º Sustentar uma escola de dactilografia;

6º Distribuir anualmente enxovais, manequins e curtos pelas alunas infantis, a recomendar aulas;

7º Distribuir anualmente enxovais, manequins e curtos pelas alunas infantis, a recomendar aulas;

8º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

9º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

10º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

11º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

12º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

13º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

14º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

15º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

16º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

17º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

18º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

19º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

20º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

21º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

22º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

23º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

24º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

25º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

26º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

27º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

28º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

29º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

30º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

31º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

32º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

33º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

34º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

35º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

36º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

37º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

38º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

39º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

40º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

41º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

42º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

43º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

44º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

45º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

46º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

47º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

48º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

49º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

50º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

51º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

52º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

53º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

54º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

55º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

56º Distribuir diariamente ao consumo relativo ao prato de frango, que é de 10 horas;

O que se vê

O que se ouve

ZERO...

O péssimo serviço dos telefones

Revelações curiosas

Decido-me a dar uma volta pelos ca-

Começo de cima. Brasileiro do Chiado. A porta, jornalistas, críticos e prateleira de actores das matinées dominicais do Nacional.

Descedentes do Magrigo perpertuam-

através da raça, galanteando as da-

nas que passam. É difícil ver o efeito

dos madrigais porque as damas levam o

osso avermelhado pelo carmim.

Entro. Mais jornalistas, mais críticos,

mais praticantes de actores, alguns de-

os com escritura nos principais te-

atros.

Há um rumor de vespero. Lembo-

de Maeterlinck, e como levava de-

muito do brago a sua Vida das abelhas,

senso furtivamente na sua laboriosa di-

discussão de trabalho, na sociabilidade

da renúncia em proveito da colecti-

vadeira futura...

Entretanto as vozes precisam-se, os

diálogos recorrem-se. Sento-me e...

...ou cocando.

Os actores fazem de mulheres boni-

as. Boa voz... irá longe, mas a plás-

tica...

Alguém lembra o serviço das mati-

nées no domingo. Há um aparte, que

não pode precisar, e percebe que se falá-

a da classe. Então um deles le-

benta-se e vai abanar para outro grupo.

— Vocês estão hoje insípidos. Boa

voz...

— Espera lá... Não percebi o resto.

— Estás parvo?... Por esse andar,

deixo que vejo, vamos parar à sindicali-

cação dos actores. Ecom gargalhadas.

— O X... bovebast!... Estás hoje

...om muita piada...

E os ambulantes aproximam-se, e, como

bagaço fervesce, sentar-se, procuran-

desfazer a contumaz perrice dos

ciolos.

Noutros mesas sorve-se café, bebe-se

guardante e silêncios prolongados imi-

cado muito bem as grandes locubrações

do espírito.

No grupo dos actores a efervescência

vai atrafando jornalistas e alguns políti-

cos, que vão abandonando o tédio, que

nouco a pouco se colo a tudo, e então

as vozes elevam-se, o entusiasmo co-

municava-se, e, entre gargalhadas, há

há spartes violentos, farriços de discus-

ões, roubos, escândalos, vergonhas e

e saiu-se ao fim com esta:

— Isto um dia, rebenta qualquer coi-

sa!...

— Isto um dia, rebenta qualquer coi-

sa!...

— No Cinco de Outubro, caras amigas tacitamente auxiliam-me a ouvir os

grupos sem rodeios.

— Se para derrubar um trono, os mi-

seráveis guardaram os bancos, no dia

em que saísem a conquistar o pão, sa-

beriam mostrar que não eram lobos.

Em todas as mesas discute-se, há opini-

ões, e em todas há um vivo entusias-

mo, uma curiosidade, um instinto dos

problemas a resolver.

— E para a mulher?... Como é que vocês

resolvem isso?... Mas o amor livre não

é moral?... E, na escolha de profissões,

não desejariam todos ser engenheiros,

médicos, advogados?...

Há explicações concisas, frases que

representam a laboriosa locubração de

séculos, e, então, o conhecimento falta,

e aí ergua a intuição, e grandes clarida-

des, longas perspectivas aclaram com-

plificadas questões, que irrompem im-

petuosas, vibrantes de comoção.

Deixou os concretizando sonhos, e subo-

áte à redacção, a cozinhar as impres-

sões.

Chovisca. No Chiado, a rua, empol-

gada, scintila de reflexos avermelhados.

Os contrastes do vermelho e escuro, de

luz e sombra, exacerbam-me pensamen-

tos alucinados, ideias de fogo e sangue,

misericórdia e esplendor e a visão de um mun-

do a desconjuntar-se dão-me vontade de

correr aos cafés, aos centros de

reunião onde eu ainda cuido que se

pensa, ou que pelas mesas há cabeças,

a gritar-lhes:

— Venham ver!... Abram os olhos!...

Abram os olhos!...

Eduardo FRIAS

Verdades e profecias

O abarcador é um criminoso, quer

açambarque gêneros, quer abarque di-

niheiro.

Os gêneros devem ser produzidos

conforme as necessidades, passando

para esse fim de mercado em mercado.

A moeda, como elemento de troca,

deve correr sempre e só se amontoar,

coletivamente, para servir nova indús-

tria ou expansão de alguma velha.

A detenção da moeda é tanto mais

grave quanto se sabe que ninguém, a não

ser por herança, aí, pode enriquecer

sem roubar. Comegar por ser pre-

dreiro, chafurjeur, funcionários e acabar

em milionário é impossível a não deve-

rem habitar o Limeiro.

Juro racional, seja qual for o va-

lor intrínseco da moeda, não deve ir

além de 6%.

Deu é dar sempre para os interesses

particulares. Havendo milionários e

porque esta percentagem nunca se re-

peitou, levando-se, como roubo legal,

cem, quinhentos mil por cento, confor-

me o comprador e a procura.

Ora é este o mal que tem de cara-

bar.

Não podemos consentir que um in-

termédio, vantajoso pelo muito que a

inteligência criou, crie, e criar, tem

tinha a ganância, pelo egoísmo, pelo roubo,

passado a ser o maior prejuízo dos

tempos modernos, maior que os já pas-

sados!

A melhor forma, pois, de conseguir a

anulação do capital, detenção e roubo,

é desvalorizar a moeda, o Estado, os

políticos e os partidos, gastando os si-

dos que aquela comissão

detinham.

O caso é obrigar a pagar o trabalho

conforme o escambo sem esquecer que

este é o reflexo da ganância, capita-

lista!

Eugenio Bataglia.

NOTAS & COMENTÁRIOS

por PERFEITO DE CARVALHO

Recebem-se pedidos na administração

da Batalha.

O péssimo serviço dos telefones

Revelações curiosas

assomo de curiosidade, de ânsia por

algo mais que o existente.

... Ah! Esquecia-me. Surpreendo um

grupo, onde uma cara amiga me per-

miteu parar, uma esperança num mui-

to novo...

O esperançoso era um espírito.

* * *

Martinho.

Tem seu quê de cervejaria alemã, e

é que ouvi pronunciar, e bem, os nomes

de alguns filósofos germânicos. Princi-

palmente o Fict e o Hegel, tinham uma

saída razoável.

Alegro-me. Aqui ao menos filósofa-

se. Não sei quem é de cervejaria alemã,

e é que ouvi pronunciar, e bem, os nomes

de alguns filósofos germânicos. Princi-

palmente o Fict e o Hegel, tinham uma

saída razoável.

Bem. Agora o Fict é o teste de ferro

integralismo lusitano. Três aforismos

seus e está explicada a necessidade

urgente do absolutismo em Portugal.

Há uma gralhada de vozes, depois

percebo que se fala da Rússia.

Entretanto as vozes precisam-se, os

diálogos recorrem-se. Sento-me e...

...ou cocando.

Os actores fazem de mulheres boni-

as. Boa voz... irá longe, mas a plás-

tica...

Alguém lembra o serviço das mati-

nées no domingo. Há um aparte, que

não pode precisar, e percebe que se falá-

a da classe. Então um deles le-

benta-se e vai abanar para outro grupo.

— Vocês estão hoje insípidos. Boa

voz...

— Espera lá... Não percebi o resto.

— Estás parvo?

"Garantia"

Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres

FUNDADA EM 1853

SÉDE NO PORTO: RUA FERREIRA BORGES

(Edifício próprio)

Capital 1.000 CONTOS

(Um milhão de escudos)

Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1918: 6.579.529\$26,6

Dividendo distribuído, idem: 1.394.000\$00

Efectua seguros contra riscos de fogo, industriais, lucros cessantes, alugueres de predios, greves e tumultos (só em predios e mobiliários), automóveis, riscos marítimos e riscos de guerra.

Agentes em Lisboa

José Henrique Totta & C.^a

BANQUEIROS

69 a 79, Rua Aurea, 69 a 79

Telefone 533 e 1589 Central

Mais uma bicha



Disputam-se à pad
cada as pechinchas
da nossa casa.
O nosso sortido
é vasto, Veneza, ver-
ver, Venetian, ver-
Boitas para homem
64750, 87500,
87500.
Boitas para ho-
mem, que custam-se a
11900, 12900,
13500.
Sapatos de pele
para senhora a
78500, 98000, 108000, 118000.
Sapatos em pele ou verniz para senhora, saídos a Luiz XV.

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa dos Empregados do "Diário de Notícias".

SAPATARIA S. ROQUE

16 — Largo de S. Roque — 17

O BRIC-Á-BRAC
DE
ALCANTARA

DE
José Nicolau Veríssimo

RUA DE ALCANTARA, 37

SUCURSAL-RUA DO LIVRAMENTO, III e IIIS

Compra, venda e troca móveis novos e usados e toda a qualidade de artigos de mobiliário completas de quarto, casa de jantar, escritório e sala. 50% de desconto aos assinantes da Batalha.

METALÚRGICA PORTUGAL

COM Serralharia Civil

Mecânica e Forjas

E A PRODUTORA

Fábrica de Ferragens a Vapor

Fábricas em Lisboa e Pôrto

de

Braz, Henrique & C.º Limit
Entrega imediata. Moinhos a
vapor, motores, Portas, portões,
tamanhos. Motor a gasolina. En-
xadas, pás, picaretas e bombas de
todos os sistemas e para todos os
tipos.

Ferramentas para fábricas de
conservas. Reparações em máqui-
nas e automóveis. Orçamentos gra-
tis.

MADEIRAS E MATERIAIS DE

CONSTRUÇÃO

Sede em Lisboa:

R. Morais Soares, 166-B. Telef.

2275-Norte.

NO PORTO

R. da Cavada 497 | Telef. 1267

Telegrams: Volcano

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000